

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UEIIA: A IMPORTÂNCIA DE UM TRABALHO CENTRADO NA ESCUTA DAS CRIANÇAS

Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Ana Carla Bayer da Silva¹
Juliana Goelzer²
Daniela Dal Ongaro³
Andrei Minuzzi Folgiarini⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão, que articula teoria e prática, relacionada à temática da escuta das crianças na Educação Infantil. O contexto de onde emergem tais reflexões é a Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, uma Unidade da Universidade Federal de Santa Maria (UEIIA) que atende crianças de 4 meses a 5 anos e 11 meses e que conta com uma equipe de professores que atuam com crianças em turmas de bebês e em turmas multietárias com crianças de 2 a 5 anos, mas que no dia a dia da Unidade refletem em conjunto acerca dos desafios e das possibilidades do trabalho pedagógico que é realizado com todas as crianças. Partindo desse contexto, o objetivo desse trabalho é refletir sobre como acontece a escuta das crianças dentro da UEIIA a partir do olhar dos professores da Unidade que atuam tanto nas turmas de bebês quanto nas turmas multi-idades, e que diariamente aprendem sobre essa escuta com as crianças. As análises realizadas apontam para a escuta como princípio fundamental para a elaboração das propostas a serem desenvolvidas com as crianças na UEIIA, uma vez que esta revela e acolhe as necessidades, os interesses e as curiosidades das crianças, valorizando-as em suas singularidades, como sujeitos sócio-histórico-político-culturais.

Palavras-chave: Educação Infantil. Escuta. Trabalho Pedagógico.

¹ Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria. Pedagoga, Especialista em Artes na Educação/Unoeste. E-mail: krlinhabayer29@gmail.com

² Professora e Vice Diretora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: julianagoelzer@yahoo.com.br

³ Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria. Pedagoga, Especialista em Gestão Educacional/UFSM. E-mail: danieladalongaro@hotmail.com

⁴ Professor de Educação Física, Especialista em Gestão Educacional, Mestrando em Gestão Educacional/UFSM e Educador na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/UFSM. E-mail: andrei92mf@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estar com as crianças é maravilhoso, mas é também um desafio, especialmente para os professores que atuam com elas diariamente, e que têm o prazer e o compromisso de acompanhá-las em seu processo educativo.

Por muito tempo as crianças foram vistas como aquelas que não tinham voz, como um “papel em branco” que deveria ser preenchido pelos ensinamentos do professor. As crianças historicamente foram vistas em suas faltas, e jamais em suas capacidades, jamais como “gentes” competentes, imaginativas, criativas, que devem, precisam e merecem ser escutadas. Mas os estudos na área da Pedagogia vieram sendo aprofundados, qualificados, e vieram mostrando, aos poucos, que essa criança, antes vista como alguém que nada tinha a ensinar, apenas a aprender, também é alguém com muitas capacidades, que participa, que produz cultura e que nos ensina a cada dia (OLIVEIRA-FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA, 2007).

Nesse sentido, por acreditarmos profundamente na importância de escutar também as crianças, é que na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA), Unidade da Unidade da Universidade Federal de Santa Maria, nossa proposta pedagógica tem como princípio da ação educativa a escuta às crianças, pois acreditamos e apostamos em suas competências, em seus saberes, e que eles são expressados por elas de muitas formas. E por se tratar de crianças de 0 a 5 anos, acreditamos que essa escuta precisa envolver todos os sentidos, não somente a audição, como nos lembra a autora italiana Rinaldi (2012), pois as crianças desenvolvem aos poucos a linguagem oral, e suas outras muitas formas de expressão, ou seja, suas linguagens, também precisam ser escutadas.

Na UEIIA, a escuta das crianças é um princípio valorizado e adotado na prática pedagógica, e aqui, neste artigo, optamos por refletir sobre como acontece esse processo de escuta das crianças no cotidiano, sob o olhar dos professores pedagogos e de Educação Física no âmbito escolar. Lança-se, assim, um olhar a partir deste lugar, do qual cotidianamente se aprende e se ensina com os colegas professores e com todas as crianças, valorizando a escuta às crianças como princípio de toda e qualquer ação pedagógica.

Nesse sentido, nosso objetivo com este trabalho é refletir sobre como acontece a escuta das crianças dentro da UEIIA a partir do olhar dos professores, que diariamente aprendem sobre essa escuta com os colegas professores e as crianças.

Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a escuta das crianças na Educação Infantil, articulada ao processo de reflexão sobre a prática pedagógica realizada na Unidade, a qual envolve as crianças e as demais “pessoas grandes” (GOELZER, 2014), principalmente os professores, os quais realizam diariamente, com amorosidade, seriedade, alegria e comprometimento, o trabalho pedagógico com as crianças.

O TRABALHO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA UEIIA: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA ÀS CRIANÇAS

Na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo os professores realizam momentos de estudos semanais de diferentes temas referentes ao contexto da Educação Infantil com a intenção de compreender e refletir sobre suas práticas pedagógicas. Para compreender os elementos que permeiam a prática pedagógica na Educação Infantil, estudamos e refletimos sobre como acontece a escuta das crianças dentro da UEIIA a partir do olhar dos professores da Unidade que atuam tanto nas turmas de bebês quanto nas turmas multi-idades.

A partir da prática desenvolvida, articulada aos estudos, rodas de conversas e debates que são organizados dentro da Unidade, os professores da UEIIA compreendem a necessidade de ter diariamente em seu trabalho pedagógico uma escuta às crianças para que se possa respeitar e atender as necessidades/curiosidades/demandas determinadas pela realidade e pelas especificidades das crianças, o que requer sensibilidade e humildade por parte dos professores.

Através da observação, a professora, no primeiro momento, procura compreender o que está sendo vivenciado pelas crianças, a constituição do grupo, as relações estabelecidas entre elas, as interações com os diferentes materiais,

entre outras relações. Nesse contexto, partimos sempre da premissa de que a criança é um sujeito sócio-histórico-político-cultural, cidadão de direitos que traz consigo sua história pessoal e suas culturas familiares, conforme destaca Campos; Rosemberg (2009). Freire (2002, p. 66), nesse sentido, lembra-nos de que as professoras:

[...] precisam saber o que se passa no mundo das crianças com quem trabalham. O universo de seus sonhos, a linguagem com que se defendem, manhosamente, da agressividade de seu mundo. O que sabem e como sabem independentemente da escola.



Arquivo pessoal

Ao observarmos o contexto escolar é notório que a criança constrói com seus pares, produzindo e partilhando uma cultura da infância, constituída por ideias, valores e formas específicas de compreensão da realidade.

Nesse sentido, a partir da observação, da escuta e do diálogo com as crianças, é possível perceber suas curiosidades, percepções e explorações. A professora inclui no planejamento as demandas/necessidades da turma, observando-se a faixa etária das crianças da turma, os diálogos entre as crianças,

suas brincadeiras favoritas, curiosidades, suas diferentes formas de expressão. Assim, o docente tem o papel fundamental de ampliar progressivamente as diferentes possibilidades de exploração, de cuidado, de comunicação e interação, apoiando a resolução dos conflitos diários entre as crianças para que elas possam refletir e decidir.

Nesse contexto, os professores diariamente aprendem sobre essa escuta com as crianças, e que sem ela não há trabalho pedagógico qualificado, que sem ela não há um trabalho significativo que seja realizado com, e não para as crianças. Nosso papel, nesse processo, é escutar as crianças também retomando os registros sobre as crianças, sobre os processos vividos nas turmas, com o objetivo de qualificar as ações que são/serão realizadas. Nesse contexto, aprendemos que a escuta é de um corpo que fala, não apenas de uma voz, e por isso mesmo, a escuta dos professores e de todos aqueles que atuam com as crianças precisa ser a escuta realizada com todos os sentidos, não apenas com a audição, conforme nos lembra Rinaldi (2012). Freire (2011, p.114) nos lembra que “É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer” e, nesse sentido, destacamos ser de suma importância que os profissionais da Educação Infantil se coloquem como sujeitos sensíveis e abertos para a construção de laços afetivos, conversando com as crianças olhando nos olhos, aconchegando-as, transmitindo-lhes segurança e carinho.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles (FREIRE, 2011, p.111).

As crianças chegam à escola e trazem consigo suas histórias e suas bagagens socioculturais, que necessitam e merecem ser compartilhadas com seus pares e professores. Nesse processo, é importante que o docente esteja atento para a necessidade da criança expressar suas ideias, histórias e emoções, pois é através do diálogo que ambos ampliam e enriquecem um leque de possibilidades.

Portanto, é necessário desenvolver a capacidade de escuta às crianças, seja individualmente ou em grupo, isto é, ouvir as demandas das conversas, das perguntas, dos gestos, dos movimentos e das brincadeiras. É preciso estar atento às falas e as ações das crianças para mediar este processo, dando-lhes formas e significados, potencializando situações e dinamizando o trabalho pedagógico.

Nas perspectivas apresentadas, compreende-se que:

Escutar é, obviamente, algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar no ponto de vista das ideias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária (FREIRE, 2011, p. 117).



Arquivo pessoal

Os educadores devem estar atentos às crianças, aprendendo com elas a escutar e dialogar, trazendo a compreensão da importância do espaço no qual convivem, a maneira de como compartilham suas emoções e o contexto familiar, oportunizando aprender e ensinar com elas, para que assim possam transformar suas realidades.

É através desta escuta que o professor proporciona espaços acolhedores, os quais as crianças ampliam com suas ações, interações, criatividade e ludicidade. Evidencia-se, dessa forma, o papel do professor de Educação Infantil ao fazer valer esta escuta, o que possibilita que as crianças vivenciem o máximo de experiências partindo do seu repertório, indagações e questionamentos, permitindo ampliar seus conhecimentos sobre o mundo.



Não há conclusão... porque as crianças precisam, devem e merecem ser escutadas, sempre!

Compreendemos, a partir dos estudos realizados na UEIIA ao longo dos últimos anos, que a escuta às crianças de 0 a 5 anos não se constitui tarefa fácil, mas que é uma tarefa necessária se nos comprometemos (e sim, devemos nos comprometer, as crianças necessitam de educadores comprometidos!) com um trabalho qualificado, que atenda aos interesses, necessidades e curiosidades das crianças. Compreendemos que nosso papel na Educação Infantil é, com base nessa escuta, qualificar os processos de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças, de modo a valorizar seus processos criativos, imaginativos, autônomos, enfim, sua autoria em seu percurso sócio-histórico-político-cultural.

A partir dos estudos e das reflexões realizadas, compreendemos que na UEIIA esse processo de escuta às crianças é constante, sendo ele que nos permite organizar os planejamentos, as propostas que levaremos como desafios às crianças. A prática realizada nesse contexto nos mostra que é impossível realizar qualquer prática educativa que não escute com atenção seus principais protagonistas, pois faz-se necessário escutar, de todos, suas histórias, sobre os contextos de onde vem, sobre suas culturas e sobre suas expectativas com relação à escola. Sim, somos pedagogos formados para atuar com as crianças, mas isso não significa, de nenhuma forma, que as conhecemos antes mesmo de chegarem à escola, ou que sabemos de antemão o que irão desejar/necessitar.

Como nos ensina Freire: que escutar se torne um saber necessário à prática educativa (2011), e que possamos nos abrir para escutar as crianças e seus tão diversos mundos que se apresentam a nós a cada início de ano letivo. Que possamos aprender e ensinar com as crianças e não para as crianças, e que possamos caminhar sempre ao seu lado, ao invés de caminhar sempre à sua frente. Elas nos mostram os caminhos, mas é preciso, sobretudo, estarmos abertos a escutar...

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 2.ed. Brasília: MEC. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**. Cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

GOELZER, Juliana; OLIVEIRA, Luiz Renato de; SANTOS, Caroline da Silva dos. **Sobre escutar crianças, adolescentes, jovens e adultos na escola**: desafios e possibilidades para a auto(trans)formação de professores. In: HENZ, Celso; MEDIANEIRA, Joze. Dialogus: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo: Oikos, 2015.

GOELZER, Juliana. **O diálogo e a afetividade no contexto da Educação Infantil**: as “pessoas grandes” dizendo a sua palavra. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.